



O nascimento de Entre Rios: a chegada dos Suábios do Danúbio pela lente de Puttkamer

Paulo César BONI¹

Douglas Meurer KUSPIOSZ²

Resumo:

Este artigo propõe um estudo das fotografias de Wolfgang Jesco von Puttkamer, fotógrafo brasileiro nascido em Niterói (RJ) e que se notabilizou pelos registros da construção de Brasília e das comunidades indígenas do Xingu. Antes disso, na década de 1950, Puttkamer fotografou a vinda de um grupo de imigrantes denominados Suábios do Danúbio para o Brasil, mais especificamente para o município de Guarapuava (PR). Ele permaneceu alguns meses com os suábios e os registrou, desde a chegada, na Estação Ferroviária de Góes Artigas, até a construção das primeiras casas da comunidade de Entre Rios (distrito de Guarapuava) e algumas de suas práticas culturais, como os almoços comunitários com *goulash* (um prato típico). Para tanto, lança-se mão da proposta metodológica de Boris Kossoy para a descrição iconográfica e interpretação iconológica das imagens para compreender o contexto histórico e social desse processo de imigração. Também se valoriza a mídia fotografia como um importante dispositivo para a preservação da memória da comunidade suábia em Entre Rios e para a recuperação histórica da imigração no Paraná.

Palavras-chave: história de Guarapuava (PR); Entre Rios; fotografia e memória; Suábios do Danúbio; Wolfgang Jesco von Puttkamer.

The birth of Entre Rios: the arrival of the Danube Swabians by the lens of Puttkamer

Abstract:

This article proposes a study of the photographs of Wolfgang Jesco von Puttkamer, a Brazilian photographer born in Niterói (RJ) that became notable for his registers of Brasília's construction and the Xingu Indian communities. But, before that, still in the early 50's, Puttkamer photographed an immigrant group called the Swabian, from Danube, who came to Brazil, specifically to the municipal district of Guarapuava (PR). The photographer remained some months with the Swabians and registered everything, since their arrival at the Railway Station of Góes Artigas, to the construction of the first houses in the community of Entre Rios and also some of their cultural practices, such as the community lunches with *goulash* (typical dish). Therefore, the article resorts to the methodologic proposal of Boris Kossoy to the iconography description and the iconological interpretation of the images to understand the historical and social context involved in this immigration process. Lastly, the photographic media is valued as an important device for the preservation of the Swabian memory in Entre Rios and for the historical recuperation of the immigration in Paraná.

Keywords: history of Guarapuava (PR); Entre Rios; photography and memory; Danube Swabians; Wolfgang Jesco von Puttkamer.

¹ Doutor e Pós-Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor sênior do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). *E-mail:* pcboni@sercomtel.com.br

² Graduado em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). *E-mail:* douglas.meurer@uel.br





El nacimiento de Entre Rios: la llegada de los Suabos del Danubio por la lente de Puttkamer

Resumen:

Ese artículo propone un estudio sobre las fotografías de Wolfgang Jesco von Puttkamer, un fotógrafo brasileño que se quedó notable por sus registros de la construcción de Brasília y de las comunidades indígenas del Xingu. No obstante, antes de estos registros, aún en la década de 1950, Puttkamer fotografió la venida de un grupo de inmigrantes denominados Suabos, que vinieron del Danubio hasta el Brasil, especialmente a la ciudad de Guarapuava (PR). Él permaneció con los Suabos y registró desde la llegada del grupo en la Estación Ferroviária de Góes Artigas, hasta la construcción de las primeras casas en la comunidad de Entre Rios y algunas de las prácticas culturales de los moradores, como los almuerzos comunitarios con goulash (plato típico). Por lo tanto, el artículo recurre a la propuesta metodológica de Boris Kossoy para la descripción iconográfica y la interpretación iconológica de las imágenes para comprender el contexto histórico y social involucrado en este proceso de inmigración. También se valoriza el medio fotográfico como un importante dispositivo para la preservación de la memoria de la comunidad Suabos en Entre Rios, así como para la recuperación histórica de la inmigración en Paraná.

Palabras clave: historia de Guarapuava (PR); Entre Rios; fotografía y memoria; Suabos del Danubio; Wolfgang Jesco von Puttkamer.

Introdução

Em junho de 1951, um grupo de quinhentas famílias de imigrantes refugiados, conhecidos como Suábios do Danúbio, desembarcou na antiga comunidade de Góes Artigas, em Guarapuava (PR), e seguiu para os campos que, posteriormente, formariam o distrito de Entre Rios – composto pelas colônias Vitória, Samambaia, Jordãozinho, Cachoeira e Socorro. A imigração desse grupo remonta ao período de instabilidade política e social da primeira metade do século XX na Europa, e ilustra o esforço diplomático de acolhimento do Brasil.

Personagem importante para a imigração suábica, o engenheiro químico e fotógrafo Wolfgang Jesco von Puttkamer acompanhou de perto a vinda dos novos moradores e registrou, ao longo do primeiro ano de fixação do grupo em Guarapuava, o cotidiano de um povo que buscava novas oportunidades. Puttkamer, que nasceu em Niterói, em 1919, estudou na Alemanha, foi preso em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial e, após trabalhar como fotógrafo do Governo da Bavária, retornou para o Brasil em 1947 (Indígenas na Fotografia Brasileira, s.d.).

A relação do fotógrafo com o projeto de imigração se deu porque ele, à época, era representante do Governo do Estado de Goiás, primeiro local estudado para a implementação





da colônia, junto ao Conselho de Imigração e Colonização (Stein, 2008). Como o projeto de colonização em Goiás não avançou, Puttkamer acompanhou o engenheiro Michael Moor (um dos representantes escolhidos pela Associação dos Suábios do Danúbio da Áustria para tratar da imigração para o Brasil) até Guarapuava na qualidade de tradutor contratado, uma vez que dominava o português e o alemão. No período de um ano, Puttkamer auxiliou na compra de produtos, redigiu a ata de fundação da Cooperativa Agrária e produziu fotografias de cenas do cotidiano da comunidade (Essert; Schneiders, 2021).

Puttkamer, após deixar Guarapuava, notabilizou-se nos anos seguintes pelo registro da construção de Brasília e pelo seu trabalho fotoetnográfico, sobretudo com as comunidades indígenas do Alto do Xingu. Tornou-se referência nessa área, tanto que dá nome e tem sua obra disponível no Centro Cultural Jesco Puttkamer, ligado ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IPGA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Sua relação com os suábios foi retomada em 1990, quando uma equipe do Museu Histórico de Entre Rios foi até Goiás para receber, dele próprio, imagens da época. O fotógrafo também foi a Entre Rios para receber uma homenagem, como pode ser visto no documentário *Jesco, minha vida, minha câmera*, lançado em 1990.

Este trabalho se propõe a estudar, a partir das concepções da descrição iconográfica e da interpretação iconológica, articuladas para o campo da fotografia pelo pesquisador Boris Kossoy, algumas das primeiras imagens registradas por Puttkamer desses imigrantes. Registros que mostram a chegada das famílias suábias na estação ferroviária de Góes Artigas e, na sequência, a ida delas ao município de Guarapuava, onde permaneceram em alojamentos provisórios antes da mudança gradual ao território de Entre Rios. Trata-se da documentação menos conhecida do trabalho do fotógrafo – não à toa, muitos textos biográficos ignoram sua atuação no Paraná, destacando sobretudo seu trabalho em Brasília e com os povos indígenas.

A obra de Jesco von Puttkamer vem sendo estudada em seus mais diversos aspectos, dada a ampla variedade temática abordada ao longo de sua carreira como fotógrafo. Em relação à vinda dos Suábios do Danúbio para o Brasil, o trabalho “O fazer fotográfico de Puttkamer (1951-1952)” aponta que o fotógrafo atuou de forma a “expressar acontecimentos, influenciado pela tendência da época e com um aspecto informativo-documental, permitindo construções visuais que permeiam sua identidade e designam valores para quem os recebe como espectador”





(Detlinger; Pegoraro, 2014, p. 13). No artigo “A formação dos indígenas para atuar na ditadura militar” (Oliveira; Almeida, 2020), os autores apresentam uma reflexão sobre a obra do fotógrafo.

A colonização do interior do Paraná, inclusive, foi amplamente estudada a partir de fotografias, sejam elas do acervo de empresas, instituições ou de coleções pessoais. Nesse cenário, este artigo aponta como, estando inserido na comunidade dos suábios – uma vez que permaneceu ao longo do primeiro ano atuando como tradutor –, Puttkamer pôde registrar o florescimento e a consolidação do distrito de Entre Rios, que hoje permanece sendo um local de memória e pertencimento aos descendentes, em especial a partir do trabalho realizado pela Fundação Cultural Suábio-Brasileira, que faz a gestão do Museu Histórico de Entre Rios, onde as imagens do fotógrafo são mantidas em acervo.

Fotografia e preservação da memória

A fotografia desempenha, desde a sua invenção no século XIX, um importante papel no registro histórico e na preservação da memória. De acordo com o pesquisador Boris Kossoy em seu livro *Fotografia e história*, a descoberta da fotografia acabou por proporcionar a possibilidade de autorreconhecimento e recordação, de criação artística, de documentação e de denúncia, uma vez que possui natureza testemunhal. Kossoy (2012, p. 47) descreve a fotografia como “um resíduo do passado”, pois trata-se de um artefato que “contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Em sua obra *Testemunha ocular*, o historiador Peter Burke (2017) demonstra interesse no uso de imagens como evidências históricas. “Imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (Burke, 2017, p. 26).

Kossoy (2012, p. 59) afirma que, a partir do conteúdo documental, as fotografias que retratam diferentes aspectos da vida de um país acabam sendo importantes para os estudos históricos “concernentes às mais diferentes áreas do conhecimento. [...]. Essas fontes fotográficas, submetidas a um prévio exame técnico-iconográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação de informações”. Para ele, imagens que possuem valor documental são importantes para diversas áreas do saber, caso da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia e história social:





[...] pois apresentam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se de fotografia enquanto *instrumento* de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica (Kossoy, 2012, p. 59, grifo do autor).

Em relação ao objeto de estudo deste artigo – a representação fotográfica da chegada dos Suábios do Danúbio em Guarapuava –, as imagens produzidas por Puttkamer representam a possibilidade de recuperação da memória do homem e do seu entorno sociocultural, como explica Kossoy. Ainda nesse ponto, Kossoy (2007, p. 131), em seu livro *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*, pontua que a fotografia “é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele precioso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência”. O autor é enfático ao afirmar que a fotografia tem se prestado ao registro amplo e convulsivo da experiência humana, em uma memória coletiva nacional e individual pessoal.

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas [...]. Uma única imagem e dois tempos: o tempo da criação, o da primeira realidade, instante único de tomada do registro no passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. O efêmero e o perpétuo, portanto (Kossoy, 2007, p. 133).

Esse aspecto perpétuo adotado na fotografia, no ponto de vista de Kossoy (2007), ocorre apenas em partes. Trata-se de uma “memória finita”, uma vez que registros pessoais, de pessoas comuns, e imagens consideradas históricas, podem ser destruídas ou acabar desaparecendo de arquivos públicos. Nesse sentido, é importante ressaltar o trabalho desenvolvido pelo Museu Histórico de Entre Rios para a preservação das fotografias de Puttkamer e, por consequência, para a preservação de uma memória coletiva daquele povo.

Esses aspectos dialogam com a obra de Puttkamer à medida que o trabalho do fotógrafo é importante para a recuperação de aspectos históricos e antropológicos das particularidades regionais de Entre Rios.





A imigração dos suábios do danúbio

A formação do distrito de Entre Rios (Guarapuava-PR) remonta ao ano de 1951 e ao desfecho da Segunda Guerra Mundial, seis anos antes. Segundo Stein (2008, p. 12), a vinda de imigrantes de países como Iugoslávia, Hungria e Romênia, conhecidos como Suábios do Danúbio, faz parte de uma “diáspora que trouxe cerca de quinhentas famílias de refugiados para o Paraná por meio de instituições de ajuda humanitária, principalmente a Schweizer Europahilfe (Ajuda Suíça à Europa), com o apoio da Organização das Nações Unidas-ONU e o governo paranaense”. Stein (2008) pontua que o surgimento do termo Suábios do Danúbio remonta ao término da Primeira Guerra Mundial, com o desmembramento do Império Austro-Húngaro. Posteriormente, as pessoas que ocupavam as margens do Rio Danúbio e seus afluentes passaram a ser conhecidos com essa denominação³. Com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, continua Stein, muitos desalojados e deslocados de guerra, de diversas partes da Europa, inclusive os suábios, passaram a viver em campos de refugiados.

Em seu livro *Suábios do Paraná*, Albert Elfes (1971, p. 44) pontua que ainda em 1949 a Ajuda Suíça à Europa enviou para o Brasil uma comissão “a fim de localizar terras próprias para a colonização”. Dessa comissão fazia parte o engenheiro agrônomo Michael Moor, representante do grupo danúbio-suábio e principal orientador das tendências colonizadoras. Para a vinda dos suábios, inicialmente foram feitos contatos com o Governo de Goiás, com atuação do fotógrafo Jesco von Puttkamer. Uma comissão, inclusive, chegou a realizar estudos sobre a viabilidade da instalação dos imigrantes em Goiás. No entanto, Elfes (1971, p. 44) aponta que a principal causa para a desistência da escolha do território goiano foi a “grande distância do mercado consumidor, esperando-se, por isso, uma sobrecarga financeira na fase preparatória e, posteriormente, preços pouco compensadores para os produtos agrícolas”.

Após alguns territórios terem sido analisados, o secretário de Agricultura do Paraná, Lacerda Werneck, indicou a Fazenda Sobrado, em Pinhão, área que apresentava as características adequadas à implantação do projeto (Stein, 2008). Em 1951, a entidade Ajuda Suíça à Europa decidiu pelo território paranaense.

³ Segundo Stein (2008, p. 30), a maior parte dos suábios se encontrava nas regiões denominadas Banat, Batschka e Baranja, conhecidas como Vojvodina e que viriam a fazer parte da Iugoslávia.





Uma parte dos já refugiados, constituída por 500 famílias, em torno de 2.500 pessoas, as quais, na sua maioria, eram descritas como ‘apátridas’ foram, após contatos com autoridades, trazidas para o Brasil. No país, depois de receberem convites para se fixar nos Estados de Goiás e Paraná, optaram pelo último, onde fundaram a Colônia Entre Rios, em 1951 (Stein, 2008, p. 35).

Na chegada a Guarapuava, o grupo ficou alojado no Colégio Visconde de Guarapuava e, então, deu início à construção das cinco colônias que compõem o distrito de Entre Rios: Vitória, Samambaia, Jordãozinho, Cachoeira e Socorro. Segundo Stein (2008), cada uma das colônias era dividida em lotes de 1/2 hectare para construção de casas, hortas e pomares. As vilas eram distantes de 4 a 5 km entre si e, coletivamente com coordenação da Cooperativa Agrária, as casas e estradas começaram a ser construídas no local (Stein, 2008). O autor ressalta que a escolha de Guarapuava não foi aleatória, mas levou em conta critérios técnicos:

Ela foi precedida por negociações entre a organização ‘Ajuda Suíça à Europa’, o governo brasileiro, o Estado de Goiás e, finalmente, com o Paraná. Outro fator determinante foi o exame de alguns aspectos da área, como a distância dos centros urbanos, o clima e a qualidade do solo (Stein, 2008, p. 47).

Atualmente, o distrito de Entre Rios permanece fazendo parte do território de Guarapuava e desempenha um importante papel no setor agropecuário, sobretudo no que diz respeito à produção de cevada e malte cervejeiro. A região do município é responsável por mais de 60% da produção do grão no Paraná, sendo que o estado é o maior produtor do Brasil (Agência Estadual de Notícias, 2021).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, s.d.), em termos físicos, o distrito é um dos maiores do Brasil, com território de 864 km².

Uma proposta de estudo iconográfico/iconológico

A fotografia tem importante papel no campo da antropologia, onde sua atuação é classificada como fotoetnografia. Em seu livro *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*, a pesquisadora Rosane de Andrade (2002, p. 31) afirma que, tanto quanto a antropologia, a fotografia possui um “observador paciente que escava detalhes e fareja com seu olhar o alvo e o objeto de suas lentes e de sua interpretação”. Para Andrade (2002, p. 49), a mais banal das fotografias apela para uma presença, de modo que sempre se recorre à imagem “para fazer presente o que ou quem está ausente”, e a identidade individual depende da memória. Tomamos





uma fotografia para nos apropriarmos do objeto que desaparecerá. Existe uma magia quando imortalizamos as pessoas e o tempo nas fotos. Para as tribos urbanas, fotografias são como provas de sua existência, de sua identidade e história (Andrade, 2002).

A pesquisadora afirma que a antropologia vem se abrindo para outras metodologias de pesquisa, com destaque para a antropologia visual, e ressalta que a imagem não pode mais estar separada do saber científico, uma vez que “[...] age como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural” (Andrade, 2002, p. 110).

Este trabalho se posiciona como um estudo de caso da imigração dos Suábios do Danúbio para o município de Guarapuava, descrevendo-a e interpretando-a a partir das fotografias de Wolfgang Jesco von Puttkamer. Para tanto, lançaremos mão dos pressupostos teóricos e metodológicos de Boris Kossoy (2012, p. 107) a respeito da análise iconográfica que, segundo o autor, “tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos”. Além disso, o aspecto literal e descritivo prevalece na iconografia, já que, segundo o autor, “o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado” (Kossoy, 2012, p. 107).

Neste ponto, a proposta metodológica de Boris Kossoy, inspirada em Erwin Panofsky, parece a mais adequada ao estudo dos registros fotográficos feitos por Puttkamer na chegada e nos primeiros momentos dos povos suábios em Guarapuava, uma vez que atuaram para preservar uma memória visual desse importante momento histórico e cultural do município. De antemão, podemos dizer que suas fotografias acompanham tanto a história local, de um povo que emigrou para o Brasil em busca de novas perspectivas de vida, quanto da histórica global, marcando um importante evento internacional da diplomacia brasileira.

Boris Kossoy (2012, p. 107) explica que a análise iconográfica “situa-se a meio caminho da busca do significado e do conteúdo; ver, descrever e constatar não é o suficiente”. Assim, o analista precisa compreender o fragmento visual em sua interioridade e, a par do momento histórico retratado, realizar uma reflexão centrada no conteúdo “num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico” (Kossoy, 2012, p. 108).

Segundo a esquematização metodológica de Kossoy (2012), o documento fotográfico passa, primeiro, por uma análise iconográfica, que estabelece os princípios descritivos da imagem – como o cenário, as pessoas, os objetos e as situações diversas captadas pelo fotógrafo,





assim como suas escolhas técnicas e estéticas –, depois, por meio da interpretação iconológica, busca-se identificar quais repertórios visuais o fotógrafo, a partir da sua prática, aciona.

O significado mais profundo da vida não é o de ordem material. O significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito. O significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto *visível* passível de ser retratado fotograficamente. O vestígio da vida cristalizado na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreenda os elos da cadeia de fatos *ausentes* da imagem. Além da verdade iconográfica (Kossoy, 2012, p. 130, grifos do autor).

Em relação à iconografia fotográfica, Kossoy afirma que ela diz respeito a partes ou ao conjunto da documentação pública ou privada que abrange um largo espectro temático, produzida em lugares e períodos determinados. “As fontes que as compõem são meios de conhecimento: registros visuais que gravam microaspectos dos cenários, personagens e fatos” (Kossoy, 2007, p. 34-35). E esses registros acabam por desempenhar função decisiva para a reconstituição histórica: “Os documentos fotográficos constituem, enfim, as fontes primordiais para as diferentes vertentes de investigação, disso resultando uma retroalimentação contínua de informações, na medida em que consideramos a interdisciplinaridade das abordagens” (Kossoy, 2007, p. 35).

Ou seja, a partir da iconografia, o estudo foca em elementos explícitos na imagem. São as características claras a todos os observadores da fotografia; já a iconologia diz respeito a uma interpretação subjetiva dos códigos presentes na imagem. Trata-se, como explica Kossoy, de uma Realidade Interior. É um método importante para se compreender os objetos retratados no ato fotográfico e para, a partir desse referencial imagético, compreender o entorno histórico, social e cultural do período.

A colônia pelo olhar de Puttkamer

Para a descrição iconográfica e interpretação iconológica das imagens referentes à chegada dos suábios, foram selecionadas sete imagens tomadas por Jesco von Puttkamer. O critério de seleção utilizado foi construir uma cronologia em relação às imagens e destacar as fotografias que dialogam com o cotidiano do grupo. Segundo o Museu, as fotografias estão sendo catalogadas e ainda não há um número exato do acervo de Puttkamer, mas é superior a mil imagens. O acesso às fotografias ocorreu após diálogos com a Fundação Cultural Suábio-



Brasileira, de Entre Rios, que é responsável pelo Museu Histórico. A equipe⁴ disponibilizou as versões digitalizadas de algumas dezenas de imagens, que permanecem armazenadas no espaço.

Figura 01 – Chegada do trem com os primeiros imigrantes na estação de Góes Artigas⁵



Fotografia: Wolfgang Jesco Von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A primeira imagem selecionada (Figura 01) é datada de 8 de junho de 1951 e mostra a chegada do trem com as primeiras famílias de imigrantes na Estação Ferroviária da comunidade de Góes Artigas, que fazia parte do município de Guarapuava e hoje compõe o território de Inácio Martins (PR). Os suábios chegaram ao Brasil pelo Porto de Santos, a bordo do navio Provence. De lá, seguiram de trem para o Paraná. Na fotografia de Puttkamer é possível ver a estrutura tímida da estação, com alguns objetos ao lado da linha férrea. Ao fundo, vê-se a *maria fumaça* chegando e algumas construções, além de uma residência, mais distante. A linha ferroviária foi importante para a formação da comunidade de Góes Artigas, que se deu entre 1940 e 1950, para a escoação de madeira. “Posteriormente, em 1951, o serviço de transporte de

⁴ Os autores dedicam um agradecimento especial à supervisora do Museu, Nikita Geier, e à assistente cultural Maria Dolores Schneiders, que disponibilizaram as imagens selecionadas e seus respectivos registros nos álbuns.

⁵ No Museu Histórico de Entre Rios, o negativo dessa fotografia tem o registro nº P-24/43.

passageiros tornou-se possível com um trajeto sentido Ponta Grossa x Guarapuava, aumentando ainda mais a perspectiva de que seria uma região de intenso crescimento” (Czovny; Boni, 2019, p. 6). É um modal de transporte que, conforme os anos passaram, foi deixando de ser utilizado. E o que restou foram os trilhos que permanecem desativados.

A iconologia é fundamental para compreender o papel dessa fotografia, que pode ser vista como a síntese de um complexo processo diplomático que culminou com a vinda dos Suábios do Danúbio para Guarapuava. Ao fundo, para além do trem de passageiros, vê-se um agrupamento de araucárias, árvore símbolo do estado do Paraná e que permanece, sobretudo no interior paranaense, desempenhando forte simbologia cultural.

A próxima fotografia (Figura 02) registra o primeiro grupo de imigrantes já em solo guarapuavano. Iconograficamente, mostra a fachada do prédio de um colégio [Colégio Estadual Visconde de Guarapuava], onde os suábios ficaram alojados provisoriamente. Os personagens da fotografia posam para Puttkamer embaixo de uma faixa escrita “Colonos, Bemvidos a Guarapuava!”, que havia sido exposta pela Prefeitura. Todos estão vestidos com roupas sociais – ternos e gravatas – e algumas poucas crianças são vistas ao fundo da imagem, de relance. Pouco acima, na sacada do casarão onde funcionava o colégio, três pessoas observam o ato fotográfico. Entre os homens que posam para o fotógrafo está Michael Moor (segundo da esquerda para a direita), um dos líderes do projeto para a construção das cinco colônias.

A interpretação iconológica dessa imagem nos leva a compreender o clima de acolhimento encontrado pelos Suábios do Danúbio ao chegar em Guarapuava. Talvez o fato mais significativo seja justamente a faixa exposta pela Prefeitura, posto que o colégio ficava em um ponto central da cidade e, naturalmente, era uma referência para a circulação de pessoas no local. Puttkamer parece captar esse sentimento de irmandade entre os que vieram e os que já estavam naquela terra, com uma percepção de acolhimento. Esse aspecto é frequente em sua fotografia, tentando evidenciar uma ação acolhedora por parte dos guarapuavanos.

Figura 02 – Imigrantes posam para fotografia em frente ao Colégio Visconde de Guarapuava⁶



Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

De certa forma, a fotografia da Figura 03 busca evidenciar esse sentimento. A imagem mostra um grupo de crianças segurando bandeiras do Brasil. Durante a cerimônia de recepção, as bandeiras foram entregues pelas crianças guarapuavanas aos filhos dos imigrantes. Elas olham e interagem com o fotógrafo, sorrindo para o registro. Não há identificação das crianças presentes. A imagem mostra a confraternização realizada no dia 10 de junho de 1951, um domingo, para receber o primeiro grupo de suábios que chegou em Guarapuava. O evento foi realizado também na região central da cidade, nas proximidades do Colégio Visconde de Guarapuava, e contou com falas de diversas autoridades, como o então prefeito Juvenal Assis Machado.

Do ponto de vista iconológico, é perceptível um clima de amizade entre as crianças, especialmente nas duas primeiras, que estão de mãos dadas. A percepção é que nesta, tal como

⁶ O negativo dessa fotografia tem registro nº P-38/26.

na imagem anterior, Puttkamer buscou ilustrar a camaradagem entre os dois povos, que a partir daquele momento passariam a estar integrados. E o registro da infância traz a noção de um olhar para o futuro, pois os filhos dos imigrantes cresceram nas terras que constituem hoje Entre Rios e trabalharam, com esforço e suor, para o desenvolvimento e prosperidade daquela comunidade. Mais do que isso, a fotografia mostra o processo em que um grupo de pessoas descritas por Stein (2008) como apátridas, e que enfrentou uma série de dificuldades, passa a ser brasileiro, a fazer parte de uma nova pátria que o abrigou.

Figura 03 – Crianças seguram bandeiras do Brasil na recepção aos Suábios do Danúbio⁷



Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A fotografia seguinte (Figura 04) mostra um grupo de pessoas no espaço que ficou conhecido como Serraria São Miguel. Com a ida dos primeiros suábios para Entre Rios, foi a extração de madeira da região que propiciou a matéria-prima para a construção das primeiras residências e barracões de trabalho ou armazenamento. É importante lembrar que, no total, quinhentas famílias de imigrantes se deslocaram para Guarapuava, e esse mesmo número de casas, feitas de madeira e distribuídas por sorteio, foi construído pela própria comunidade. A

⁷ A imagem tem seu negativo com registro P-5/2 no acervo do Museu Histórico de Entre Rios.

iconografia mostra as pessoas posando para a lente de Puttkamer, que registra a estrutura da serraria, localizada na Colônia Vitória. São homens e mulheres em frente à construção de madeira e sobre a linha férrea que passava pelo local – esse provavelmente era um modo de transportar a madeira *in natura* ou processada. Há uma construção de madeira, maior, ao fundo, e uma menor, um pouco atrás de onde os moradores estão posando para a fotografia. Aqui, vê-se as pessoas com roupas mais simples, próprias para o trabalho, além de acessórios como chapéus, bonés, boinas e lenços na cabeça de homens e mulheres. Mais ao fundo, pode-se ver os campos da Colônia Vitória.

Figura 04 – Pessoas posam para foto na Serraria São Miguel⁸



Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A iconologia ajuda a compreender esse momento de união coletiva entre os suábios, que dispuseram tempo e esforço para erguer as primeiras estruturas da comunidade. Foi um momento em que homens e mulheres trabalharam juntos tanto na lavoura quanto no processo de construção das residências, como fica claro em outras imagens de Puttkamer. Também

⁸ A fotografia está arquivada no Museu Histórico de Entre Rios com o nº P-42/38-A.

ilustra as dificuldades enfrentadas para, literalmente, dar forma à região. O fotógrafo parece ter se preocupado em utilizar a fotografia para acompanhar a materialização do processo migratório e documentar o trabalho braçal – intenção talvez evidente ao pedir para os personagens posarem, ao invés de captar o momento espontaneamente. Albert Elfes (1971) explica que a construção de uma serraria era uma das demandas nos primeiros anos de Entre Rios, justamente pela necessidade de madeira para construir as residências e outras estruturas.

A próxima fotografia (Figura 05) traz o processo de construção das primeiras residências em Entre Rios. A imagem mostra a estrutura da casa em madeira, que já está em pé, e um grupo de homens e mulheres trabalhando na colocação do telhado. No momento do registro, as pessoas posam para Puttkamer: duas mulheres estão no chão, outra está no terceiro degrau de uma escada de madeira; no que parece ser uma varanda, duas pessoas estão olhando para a câmera; e mais acima, também na escada, um homem segura um serrote enquanto outros dois estão em cima do telhado, colocando telhas. É possível ver no chão outras telhas empilhadas, além de ferramentas, como uma marreta ao lado da casa.

Por meio da interpretação iconológica proposta por Kossoy para a análise fotográfica, podemos compreender mais profundamente a distribuição do trabalho nos primeiros momentos de Entre Rios a partir dessa imagem. Outros registros feitos por Puttkamer dão conta, por exemplo, da participação feminina na construção civil e na serraria, como mostra a fotografia anterior (Figura 04). Os rostos sorridentes transmitem a sensação de que a energia na colônia era positiva, apesar do trabalho duro enfrentado pelos novos moradores. Elfes (1971, p. 48) conta que materiais como telhas e tijolos para fogões e fornos eram mais difíceis de se conseguir, justamente porque precisavam ser transportados “sobre estradas de barro desde Ponta Grossa até Irati, a mais ou menos 200 km de distância”. Na sequência, as casas, segundo o livro *Suábios do Paraná* (Elfes, 1971), tinham suas construções executadas por operários especializados, sendo que geralmente os próprios moradores efetuavam os acabamentos definitivos.

Figura 05 – Construção das primeiras casas em Entre Rios⁹

Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A fotografia seguinte (Figura 06) ilustra um grupo de suábios fazendo mudança do alojamento para suas residências. A imagem mostra duas mulheres trajando vestidos e roupas que cobrem seus braços, um homem aparentemente com roupa social, e sete crianças, que parecem estar correndo. Ao fundo, vê-se uma construção em madeira e uma trave de futebol, que corrobora a informação de que, em cada uma das cinco vilas, foram construídas uma escola, um armazém, um bar, uma ferraria, um cemitério e um campo de futebol (Remlinger; Wilk *apud* Stein, 2008). Do ponto de vista iconológico, isso mostra a organização social da comunidade que estava sendo formada, e um pouco de suas práticas culturais e religiosas,

⁹ A imagem possui o registro de nº P-42/29-A.

apesar de essa não ser necessariamente a intenção de Puttkamer ao captar a imagem. Podemos afirmar que, assim como as demais fotografias analisadas, o fotógrafo realizou um trabalho de documentação dos primeiros momentos dos imigrantes em solo guarapuavano. É uma etapa à frente na consolidação da comunidade, uma vez que as primeiras famílias já passavam a retomar uma rotina próxima da normalidade, com sua própria residência.

Figura 06 – Famílias suábias iniciam mudança dos barracões para suas casas¹⁰



Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A próxima fotografia (Figura 07) mostra um almoço comunitário realizado entre os suábios. É possível ver, a partir da iconografia, os moradores no momento da refeição em uma grande mesa de madeira, sendo que alguns deles interagem com a câmera de Puttkamer. Uma mulher, de cabelos presos e vestindo avental, manuseia uma grande panela de *goulash*, um picadinho de carne, alimento bastante consumido em Entre Rios naquele período (início da década de 1950), devido a sua praticidade. Nessas ocasiões, cada pessoa levava o seu próprio prato e talheres para a refeição. Também é possível ver os barracões em que os imigrantes

¹⁰ A imagem tem P-25/3 como número de registro no Museu Histórico de Entre Rios.

moraram provisoriamente, até o momento em que as residências de cada família estivessem prontas.

Figura 07 – Almoço comunitário em Entre Rios¹¹



Fotografia: Wolfgang Jesco von Puttkamer.
Fonte: Museu Histórico de Entre Rios.

A interpretação iconológica dessa fotografia, novamente, leva-nos a compreender a coesão comunitária, em que até mesmo as refeições eram coletivas, com alimentos produzidos em grupo. É possível notar aqui – e em outros registros do início da construção de Entre Rios – um pouco do espírito de cooperativismo, que posteriormente se materializaria na Cooperativa Agrária – as lavouras, construções civis, produção de alimento e diversas outras ações parecem sempre marcadas por uma constante cooperação entre os moradores. A lente de Puttkamer flagra, da mesma forma, o nascimento das cinco colônias que formam essa união. É importante pontuar que essas imagens, evidenciadas pelas fotografias de Puttkamer, muitas vezes acabaram contrastando com a realidade da colônia, uma vez que o processo de colonização não foi simples

¹¹ O número de identificação dessa imagem é o P56/4.



e enfrentou diversas dificuldades. Citando o relatório chamado *Aspectos Gerais da Colonização Comunitária Européia no Paraná*, assinado por Arpad Szilvassy, Stein (2008, p. 122) diz que ele foi “o primeiro autor que mostra a má adaptação dos suábios ao ambiente – diferentemente dos jornais e dos discursos do governo paranaense, que afirmavam que haveria uma fácil adaptação dos imigrantes em terras guarapuavanas”.

Considerações finais

A imigração das quinhentas famílias de Suábios do Danúbio marcou profundamente a região de Guarapuava na década de 1950 e nos anos posteriores. Isso porque o distrito de Entre Rios se desenvolveu e ganhou protagonismo sobretudo na produção agrícola, com culturas como a cevada e o trigo, além de permanecer ainda hoje como um importante recorte cultural de uma época e de um povo. Esse aspecto último é ressaltado pelo trabalho da Fundação Cultural Suábio-Brasileira e pelo Museu Histórico de Entre Rios.

E esse distinto momento que rompeu com a pacata rotina da cidade de Guarapuava, distante 240 km de Curitiba, a capital paranaense, teve como agente singular Wolfgang Jesco von Puttkamer, que, com sua câmera, registrou os primeiros momentos dos imigrantes em território guarapuavano. Puttkamer acompanhou a vinda e a consolidação dos suábios, e fotografou momentos como a chegada deles em Góes Artigas, o alojamento no Colégio Visconde de Guarapuava, a transferência das famílias para Entre Rios e os primeiros trabalhos braçais em uma serraria e na construção das residências.

O trabalho desse fotógrafo, que anos depois documentou o nascimento de Brasília e registrou, a partir da fotoetnografia, os povos indígenas do Xingu, compõe aqui um fragmento da memória coletiva dos descendentes dos Suábios do Danúbio, imortalizada nessas e tantas outras fotografias. O trabalho de Puttkamer, acompanhando e registrando as primeiras famílias de suábios que chegaram ao Brasil, consolidou a fotografia como importante meio no processo de recuperação, preservação, documentação e democratização de conhecimento do processo migratório e do desenvolvimento de Guarapuava e região.

Puttkamer faleceu em 1991, quatro décadas após seu trabalho no interior do Paraná, mas, antes, foi homenageado pelos suábios de Guarapuava em 1990, fato registrado no documentário *Jesco, minha vida, minha câmera*, de Lisa França, lançado nesse mesmo ano.





Importante destacar o papel da metodologia escolhida para este estudo, uma vez que a descrição iconográfica e a interpretação iconológica – trazidas para o campo da fotografia por Boris Kossoy, adaptando a teoria de Erwin Panofsky – constituem relevante meio para compreensão histórica a partir do registro fotográfico, como é possível observar após submeter a obra de Wolfgang Jesco von Puttkamer a essa metodologia.

Referências

AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS. **Puxado pela região de Guarapuava, Paraná lidera produção nacional de cevada**. 06 dez. 2021. Disponível em <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Puxado-pela-regiao-de-Guarapuava-Parana-lidera-producao-nacional-de-cevada>. Acesso em: 01 ago. 2023.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

CZOVNY, André Luiz Justus; BONI, Paulo Cesar. Revisitação fotográfica em Góes Artigas no Paraná: a fotografia como lembrança de duas épocas. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2134-1.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

DETLINGER, Karin Milla; PEGORARO, Éverly. O fazer fotográfico de Puttkamer (1951-1952). CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0353-2.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

ELFES, Albert. **Suábios do Paraná**. Curitiba: Ed. do autor, 1971.

ESSERT, Roseli Brandtner; SCHNEIDERS, Maria Dolores Stoetzer. A história de Entre Rios – v. 1: Suábios do Danúbio: 300 anos de História. Fundação Cultural Suábio-Brasileira, Guarapuava, 2021.

IBGE. Biblioteca. Catálogo. [s.d.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=450176>. Acesso em: 01 ago. 2023.





INDÍGENAS NA FOTOGRAFIA BRASILEIRA. **Jesco von Puttkamer**: um legado de 130 mil imagens. [s.d.]. Disponível em: <https://indigenasnafotografiabrasileira.org/jesco-von-puttkamer/>.

JESCO, minha vida, minha câmera. Direção: Lisa França. Edição: Sergio Antonio. Videodocumentário biográfico em DVD sobre a vida de Wolf Jesco von Puttkamer (42'31). [S.l.], 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Daniele Lopes; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. A formação dos indígenas para atuar na ditadura militar. **Humanidades e Tecnologia (FINOM)**, v. 27, n. 1, p. 160-172, out./dez. 2020.

STEIN, Marcos Nestor. **O oitavo dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-PR (segunda metade do século XX). 2008. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Submetido em: 03.11.2022

Aprovado em: 05.07.2023

